

Sistematização de experiências da economia solidária: referenciais comuns, práticas diversas¹

Quando falamos de sistematização de experiências educação para outra economia e das práticas de trabalho associado, acrescentamos um objetivo: saber se estamos no caminho da construção da economia solidária. Como educadoras-as, nosso trabalho precisa contribuir com este objetivo (...) e, para isto, temos que sistematizar um leque amplo de práticas educativas que acontecem na ES, com o olhar a partir de uma pedagogia autogestionária. (Relatório do Seminário Nacional sobre Sistematização – 1º Módulo)

Apresentação

Os referenciais aqui apresentados expressam o resultado da produção coletiva realizada durante o Seminário Nacional sobre Sistematização – 2º Módulo, que contou com a participação representativa de educadoras-es das cinco regiões do país, a partir da mobilização dos Centros Regionais e Nacional de Formação em Economia Solidária (CFES).

Para compreendermos o significado deste documento, é preciso considerar que cada CFES vem acumulando sua experiência - com respectivos referenciais políticos, teóricos e metodológicos - sobre a sistematização. Isso evidencia, de um lado, a riqueza da diversidade de acúmulos e exige – do outro – a construção de referenciais comuns em torno da sistematização de experiências da economia solidária. E, de construir tais referencias garantindo unidade na diversidade.

Nessa busca, no seminário, priorizou-se valorizar a reflexão dos coletivos de educadores-a e a elaboração de referenciais comuns para a sistematização de experiências. A atividade contou com a colaboração de Domingos Corcione, provocando o debate e favorecendo a concretização da proposta do seminário.

Conceito de sistematização

A sistematização é um processo de reflexão crítica sobre a prática vivenciada por participantes de uma determinada experiência na construção coletiva de conhecimentos e saberes pelas/os envolvidas/os, incorporando diversas vozes e olhares, na perspectiva de realimentar e favorecer o aprimoramento da prática social e seu potencial multiplicador, tendo em vista a transformação da sociedade.

Objetos da sistematização

Três objetos distintos, mas complementares, aparecem nos processos de sistematização de experiências da economia solidária:

1. Experiências e práticas dos empreendimentos de Economia Solidária.
2. Experiências e práticas sobre a organização do movimento de Economia Solidária.
3. Experiências e práticas de educação em Economia Solidária.

Estes objetos são importantes e a escolha dentre eles contribuem para a produção de conhecimentos e consolidação da economia solidária.

Referenciais teórico-políticos

Enquanto prática político-pedagógica, a sistematização é um processo de construção coletiva de conhecimentos e saberes, que – dando continuidade à trajetória da Educação Popular em Economia Solidária – evidencia que “outro mundo é possível” e fornece elementos na realização de uma sociedade justa e sustentável.

Entre as principais motivações que mobilizam os processos de sistematização ressaltam-se:

1. Registrar e resgatar a trajetória da experiência, de modo a compreender melhor e aprimorar a própria prática.
2. Valorizar e potencializar a identidade do coletivo e os saberes tradicionais.
3. Extrair ensinamentos da experiência, compartilhá-los e disseminá-los, de modo que favoreça seu potencial multiplicador.
4. Servir de base para processos de teorização sobre a prática vivenciada, considerando a relação ação-reflexão-ação.
5. Contribuir para fortalecer a gestão participativa das organizações, favorecendo - inclusive – uma melhor compreensão do papel de cada pessoa envolvida.
6. Identificar – no aprendizado extraído da experiência – não somente os principais pontos positivos, mas - sobretudo - desafios, entraves, tensões e contradições, facilitando a projeção de respostas e soluções adequadas.
7. Alcançar uma melhor incidência em políticas públicas.

Encontramos referenciais políticos, com os quais nos afinamos, nos documentos das Conferências de Economia Solidária, Plenárias e Oficinas Nacionais de Formação em Economia Solidária, Carta de Princípios do FBES e na Carta da Terra. Além destes referenciais, a organização popular – com suas mobilizações e bandeiras de lutas – aquecem e fortalecem reafirmam nossa convicção política.

No campo específico da sistematização de experiências, a produção de Oscar Jara e Elza Falkembach são referenciais teórico-políticos. Os textos deste/a educador/a foram referências de estudo e trabalho entre as/os educadoras-es durante o projeto CFES.

Estratégias, métodos e ferramentas

As/os educadoras-es da economia solidária têm utilizado distintos métodos e instrumentos para sistematizar experiências. Entre os métodos, a proposta de Jara inspira diversos autores e práticas de sistematização. O método sugerido por Falkembach também está presente nas abordagens das/os educadoras-es da economia solidária.

Na região Sul, os coletivos de educadoras-es criaram o Trem da Sistematização, um método em elaboração que apresenta uma linguagem popular e usa da imagem do trem para favorecer a compreensão do processo de sistematização.

Métodos de sistematização: principais etapas

Jara	Falkembach	Trem da sistematização
Ponto de partida: ter participado da	Preparação:	Estação: elaboração do plano de

experiência e ter o registro das experiências.

Perguntas iniciais:

- Para que queremos? (definir o objetivo)
- Que experiência(s) queremos sistematizar? (delimitar o objeto a ser sistematizado)
- Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (definir um eixo de sistematização)

Recuperação do processo vivido:

- Reconstruir a história
- Ordenar e classificar a informação.

Reflexão de fundo: analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo

Pontos de chegada:

- Formular conclusões
- Comunicar a aprendizagem

- aproximar os agentes
- caracterizar a experiência
- definir o foco da sistematização

Realização:

- aprofundar alguns conceitos
- organizar informações
- recuperar o processo
- avaliar a prática
- sintetizar as reflexões
- apresentar conclusões

Socialização e realimentação

da prática: divulgação da sistematização.

sistematização

Locomotiva: identificação do que mobiliza a sistematização, bem como agentes animadores do processo.

Trilhos: fundamentação teórica.

Vagões: resgate histórico da prática, definição do eixo e foco.

Destino/horizonte: reflexão em torno dos aprendizados gerados a partir da experiência sistematizada.

Diário de viagem: comunicar a sistematização em forma de produto/s.

Estes métodos facilitam as sistematizações das práticas em Economia Solidária e torna-se importante que divulguemos e aprimoremos, a partir da prática e reflexão, estas propostas. E, mesmo reconhecendo a legitimidade da escolha deste ou daquele método, seguem algumas orientações estratégicas comuns.

Orientações estratégicas comuns

1. Realizar uma ação sensibilizadora junto ao grupo que vivenciou a experiência, de modo que a decisão de sistematizá-la parta da compreensão de sua necessidade e potencialidade, favorecendo a aglutinação do maior número possível de pessoas em torno deste processo.
2. Planejar o processo de sistematização, de modo que se chegue a explicitar e definir: motivações, objetivos, objeto, foco, pessoas e grupos envolvidos, estratégias e ferramentas, datas e prazos, recursos materiais, financeiros e humanos, distribuição de responsabilidades. O planejamento deverá gerar um plano ou projeto de sistematização.
3. Trabalhar a sistematização como um processo contínuo de aprendizagem e produção coletiva de conhecimentos e saberes.
4. Investir na sistematização como um espaço de formação política e pedagógica de todas as pessoas envolvidas.
5. Reconstituir a experiência, de modo a contribuir na explicitação de sua interpretação e reinterpretação, pelas pessoas ou grupos que a vivenciaram.
6. Usar, oportunamente, as ferramentas mais adequadas, que possam contribuir nos vários momentos da sistematização.
7. Passar pela construção e reconstrução de sucessivas narrativas da experiência, cada vez mais aprimoradas coletivamente, até que se chegue à narrativa a ser apresentada como resultante do processo de sistematização.

8. Socializar - amplamente e de forma criativa - o produto final da sistematização, para favorecer o aprimoramento da prática sistematizada e a efetivação de seu potencial multiplicador.

Uso de ferramentas auxiliares à sistematização

Diversas ferramentas podem contribuir no processo de sistematização, potencializando a construção coletiva. Sugere-se que tais ferramentas sejam usadas de acordo com o objetivo específico de cada momento, lançando mão – oportunamente – de uma boa dose de criatividade. Estas mesmas ferramentas podem ser usadas para outras finalidades - diagnósticos, pesquisas, planejamentos, monitoramentos, avaliações.

- Linha do Tempo: pode ser útil para se reconstruir a trajetória da experiência e de seu contexto.
- Mapa de Ideias: é um ótimo instrumento para se projetar as perguntas provocadoras – conforme previsto no método de Oscar Jara – ou na montagem do plano de um processo de sistematização, com respectivos objetivos, objeto, metodologia, cronograma e produto.
- Diário de Campo: é muito útil para recuperar memória sobre anotações-chaves no trabalho observado. O Diário de Campo é adequado para fazer um levantamento documental de uma experiência, analisar os processos e fazer reflexões de fundo.
- Diagrama de Venn: pode ser utilizado para fazer análise do processo de sistematização. Ele gera uma memória visual e ajuda a ressaltar aqueles processos mais importantes.
- Quadros Demonstrativos: são adequados para se tecer análises críticas da experiência vivenciada, de acordo com os aspectos que se queira priorizar: sócio-econômico, socioambiental, produtivo, de comercialização...
- Criação de uma imagem unificadora – ícone ou iconografia: - pode ser uma ferramenta interessante, como acontece no método do “Trem da Sistematização”.
- Mapa Territorial: pode ajudar a reconstruir o contexto da experiência ou apontar os impactos que dela se esperam num determinado território, a partir da projeção de novos passos ou de seu redirecionamento estratégico.

Produto e comunicação da sistematização

Compreende-se o produto como o resultado final do processo da sistematização. Deve ser previsto desde o início do processo, na fase de planejamento levando-se em consideração a qualidade que se pretende conferir ao produto e o mais importante: que as pessoas participantes do processo se reconheçam no produto final.

Pré-condições

Há pelo menos três pré-condições que são determinantes para se assegurar a boa qualidade do produto final:

1. A definição da finalidade e das/os destinatários/as do processo de sistematização:
 - Para que vamos sistematizar?
 - A quem se destina o produto de nossa sistematização?
 - Qual a contribuição da sistematização para a divulgação da economia solidária?
 - Como a sistematização fortalecerá processos formativos internos?
 - Como potencializará a incidência em políticas públicas?

Da resposta a estas perguntas dependerá o uso da linguagem a ser preferida e o acesso a uma tecnologia de comunicação que seja considerada mais apropriada: vídeo, cordel, peça de teatro...

2. A sustentabilidade do processo de sistematização: é necessária a previsão de apoios materiais e financeiros, considerando-se as reais possibilidades do grupo que vivenciou a experiência, dos coletivos de educadores-as e/ou de outros parceiros.
3. As condições de pessoal: trata-se da exigência de se constituir um coletivo, composto por representantes do próprio grupo que vivenciou a experiência, bem como por colaboradores-as – de várias áreas de conhecimento que possam auxiliar na reflexão crítica sobre a experiência.

Um bom caminho

Como colocado acima, um bom caminho para se montar o produto final é passar pela construção e reconstrução de sucessivas narrativas da experiência. Narrativas que vão sendo cada vez mais aprimoradas coletivamente, até que se perceba – por todas as pessoas envolvidas – que se chegou à narrativa conclusiva. Isso poderá ser feito por meio de oficinas de elaboração/reelaboração dessas narrativas. Antes de cada oficina, um pequeno grupo poderá preparar a narrativa que será submetida à discussão do grupo maior. O grupo maior se reunirá para apreciar a narrativa e sugerirá a incorporação de novas contribuições, em vista de uma nova narrativa. E assim por diante. Passando de narrativa em narrativa, serão criadas condições para se elaborar uma narrativa final, na qual as-os envolvidos-as na experiência sistematizada sintam-se contempladas-os.

O que deverá conter o produto final

1. Uma breve descrição da situação inicial: refere-se tanto ao contexto onde a experiência se desenvolveu, quanto às pessoas ou grupos envolvidos.
2. A reconstrução do processo da experiência vivenciada: o resgate de sua trajetória.
3. A reflexão crítica do processo da experiência, abordando várias áreas de conhecimentos e saberes.
4. As principais aprendizagens da experiência sistematizada: as lições apreendidas, que possam ser extraídas dos êxitos ou dos fracassos.
5. As projeções da experiência, que poderão implicar em continuidade, pequenas mudanças ou até em redirecionamentos mais profundos.

Pode ser útil inserir no produto final, sugestões ou uma breve orientação sobre a maneira de se utilizar em oficinas de formação todo o material sistematizado. Esta orientação poderá ser elaborada em formato de “roteiro pedagógico”.

Formato e comunicação do produto

Faz parte integrante do processo de sistematização a comunicação do produto final. O desafio é que seja socializado da forma mais ampla possível, priorizando pessoas e grupos que estejam afinados com os ideais e as práticas de quem vivenciou diretamente a experiência.

Podem ser usados os mais variados formatos de comunicação:

- vídeo
- folder
- manual didático
- almanaque
- revista
- caderno, no formato tradicional ou com “fichas soltas”

- peça teatral
- cartilha
- spots de rádio, com entrevistas e reportagens
- livro
- poema
- cordel
- música
- iconografia, desenhos ou outras formas de comunicação visual: sobretudo para públicos que não acessam ainda a cultura letrada

A escolha de um ou outro formato dependerá sempre dos objetivos e do público definidos no planejamento inicial do processo de sistematização.

Concluindo

Os referenciais indicados neste texto, como principal resultado do 2º Módulo do Seminário Nacional sobre Sistematização expressam a intencionalidade de consolidar a caminhada em torno da educação e economia solidária.

Essa consolidação demanda, necessariamente, a unidade na diversidade, como afirmado na apresentação deste texto. Que ambas – a unidade e a diversidade – cresçam cada vez mais, de modo a contribuir efetivamente na concretização e construção de um mundo justo e solidário.

Para saber mais sobre sistematização de experiências

Neste texto, apresentamos referenciais teóricos e políticos importantes para a sistematização de experiências da economia solidária. Para saber mais sobre estes referenciais, sugerimos que acessem a página do CFES Nacional: www.cirandas.net/cfes-nacional/biblioteca-do-cfes

Algumas informações a mais:

Oscar Jara: sociólogo e educador peruano, coordena o Programa Latino-americano de Apoio a Sistematização de Experiências do Conselho de Educação de Adultos da América Latina (Ceaal). Acesse: <http://www.ceaal.org/>

Elza Falkembach: educadora popular e professora da Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

Carta da Terra: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>

